



INTERFACES DE ESCOLAS QUE VISAM SER REALMENTE INCLUSIVAS: RELATOS DE UM COTIDIANO

Roberta Silva Boaventura¹
Universidade de Marília - UNIMAR
Curso de Serviço Social

Resumo

Este relato é constituído por descrições, relatos e análises integrantes de uma notável experiência que ocorreu na realização de uma pesquisa em duas escolas Estaduais durante os estudos de Mestrado em Educação. Deste modo, ambas as escolas analisadas localizam-se no município de Tupã, interior do Estado de São Paulo, e trabalham para efetivar a inclusão de alunos com deficiência com vistas a se tornarem escolas cada vez mais inclusivas, visando ao respeito e à valorização das diversidades. Os objetivos desta pesquisa foram: a) analisar como os gestores escolares elaboram o processo de inclusão; b) identificar quais são as implicações administrativas, políticas e pedagógicas para os gestores escolares estabelecerem esse processo de inclusão; e c) comparar como ocorre a viabilização da inclusão nas escolas analisadas. O método utilizado para desenvolver esta pesquisa foi o método de pesquisa qualitativa, mediante a utilização de instrumentais como pesquisa bibliográfica, observação livre, visita de campo. Em seguida, foi realizada a análise dos dados com a identificação de categorias. Essa pesquisa permitiu-nos, portanto, constatar que ambas as escolas visam ampliar suas ações para efetivar escolas realmente inclusivas, porém, ainda apresentam algumas dificuldades que precisam ser analisadas, inovando e diversificando suas ações, desenvolvendo práticas inclusivas, para que assim, possam se tornar escolas inclusivas.

Palavras-chave: Escola Inclusiva; Pessoas com Deficiência; Educar na Diversidade.

Abstract

Interfaces schools relating to really be inclusive: Reports

This paper presents descriptions, reports and analyses which comprise a remarkable experience shared in the conduction of research in two state schools while I was taking my Master's degree in Education. Thus, both schools subject of my analysis were located in the county of Tupã, a hinterland town in southwestern São Paulo State and aimed at including visually impaired

¹ Assistente Social, Mestre em Educação pela Unoeste, Profa. do Curso de Serviço Social da Unimar.



students, that is, at becoming more and more inclusive by fostering respect and appreciation of diversities. This research was carried out to: a) analyze how schools managers organized the inclusion process; b) identify which are the managerial, political, and pedagogical implications in order to accomplish such a process; c) compare how the inclusion process becomes feasible in the schools at issue. The approach used to carry it out was the qualitative one by using resources such as bibliographical references, free observation, and fieldwork. Then one carried out an analysis of the data identifying such categories. Therefore, this research allowed us to find out that both schools aim at amplifying their actions in order to make them really effective including schools, in spite of facing some difficulties which need to be analyzed, introducing something new and diversifying their actions, developing including practices so that they may become more and more inclusive.

Keywords: Inclusive schools; Impaired People; Education within Diversity.

Introdução

O presente relato é resultante de uma dissertação de Mestrado em Educação que foi realizada no interior de Estado de São Paulo, mais precisamente no município de Tupã, tendo como público alvo à equipe gestora de duas escolas Estaduais, visando pesquisar como estas Escolas efetivam a inclusão social e escolar, buscando assim, serem cada vez mais inclusivas. Neste sentido, a referida pesquisa foi titulada como “Gestão Escolar na Perspectiva Inclusiva”, deste modo, teve como objetivos propostos: a) analisar como os gestores escolares elaboram o processo de inclusão; b) identificar quais são as implicações administrativas, políticas e pedagógicas para os gestores escolares estabelecerem esse processo de inclusão; e c) comparar como está sendo viabilizada a inclusão nas escolas analisadas.

Deste modo, esta pesquisa foi elaborada em três fases, a primeira foi a pesquisa bibliográfica, após foi realizada uma pesquisa documental e por fim a pesquisa de campo, objetivando realizar um estudo detalhado desta realidade. Neste sentido, desenvolveu-se uma pesquisa tipologicamente descritiva e qualitativa, na qual foram utilizados como instrumentais desta pesquisa a entrevista com o auxílio de questionário, e a observação livre. Assim sendo, posteriormente para a discussão dos dados descritos, foram utilizadas as identificações de categorias, visando descrever e trabalhar criticamente os dados apresentados.

Neste sentido, após a pesquisa bibliográfica, o primeiro passo foi o contato com a Direção de Ensino da Região de Tupã, a quem apresentamos os objetivos da pesquisa, bem como os benefícios que a mesma poderia trazer para a equipe gestora das escolas em questão, a fim de que ambas, mediante



uma análise crítica, pudessem ampliar, inovar suas atividades que já vêm sendo desenvolvidas visando à inclusão de alunos com deficiência.

Em um segundo momento, dirigimo-nos até as Escolas, conversamos com a equipe gestora, esclarecemos os objetivos de nossa pesquisa, solicitamos a colaboração de ambas. A partir deste momento, iniciamos a pesquisa de campo que contou com a realização de visitas de observação e de registros fotográficos, além de entrevistas com a equipe gestora de ambas as escolas, com o intuito de visualizar o cotidiano de escolas que atuam com perspectivas inclusivas, visando o respeito às diferenças, considerando que ser diferente é normal.

Durante a observação do cotidiano dessas escolas, procuramos verificar como se desenvolve nesse ambiente este processo de escola inclusiva, de valorização e respeito às diversidades; e como se estabelece a relação entre alunos com deficiência e alunos sem deficiência, a relação com familiares destes alunos, da própria escola com alunos e familiares, além da comunidade em geral.

Depois deste processo, iniciamos o registro da estrutura física, das adequações arquitetônicas, visando eliminar ou minimizar as barreiras arquitetônicas que dificultam o trânsito dos alunos da escola; e colaborando, deste modo, para a inclusão destes alunos com deficiência. Estes não são, contudo, os únicos aspectos que foram considerados, por isso, foram realizadas entrevistas com a equipe gestora visando analisar esta relação de complexidade para que as escolas possam ser cada vez mais inclusivas e que seus alunos se sintam realmente como parte integrante da escola.

Em relação ao registro dos aspectos arquitetônicos, notamos que ambas as escolas se empenham para adequar-se às necessidades dos alunos com deficiência, porém, ainda encontram algumas dificuldades e estão se adaptando paulatinamente, apesar se parecerem um pouco ausentes.

Quanto às entrevistas, ou seja, à voz dos professores e da equipe gestora, foram realizadas com dias e horários agendados previamente, em decorrência dos gestores escolares possuírem atribuições que os mantêm bastante ocupados. Desta forma, as entrevistas foram desenvolvidas individualmente e gravadas, o que possibilitou descrever detalhadamente os dados relatados pelos gestores. Neste sentido, utilizamos um roteiro prévio de entrevista, permitindo que direcionássemos o andamento da mesma.

Estas entrevistas foram elaboradas de maneira semiestruturada, a partir de um roteiro de entrevista. A fim de iniciarmos a descrição, a identificação de categorias e a discussão dos resultados, reunimos algumas questões do roteiro de entrevista, de acordo com o assunto, e estabelecemos as categorias. Nota-se que para este relato de experiência selecionamos apenas as mais relevantes.



Concepção de Escola Inclusiva

Quando questionamos a cada uma das gestoras dessas escolas sobre o que entendem por escola inclusiva, verificamos que todas consideraram sua escola inclusiva, mas apontaram alguns aspectos diferentes, como se pode observar nos excertos a seguir.

Escola “A”

É aquela que procura incluir todo tipo de diferença, alunos com deficiência, mas não só isso, diferenças raciais, de faixa etária, entre outras. Sim ela é inclusiva em alguns aspectos como as adaptações arquitetônicas, pois é a única escola Estadual de Tupã de 5ª ao 9º ano com todas as adaptações, mas ainda precisa e pode melhorar. (Diretora da Escola “A”).

A escola inclusiva é aquela que recebe vários alunos com necessidades especiais, os quais têm tratamento diferenciado e a equipe escolar procura proporcionar o maior conforto possível a eles. (Vice-diretora da Escola “A”).

Escola inclusiva, na minha concepção, é aquela onde o aluno consegue, apesar de suas limitações, caminhar e avançar em seu processo de aprendizagem. Considero esta unidade escolar inclusiva, pois recebemos vários alunos com necessidades especiais, os quais têm tratamento diferenciado e a equipe escolar procura proporcionar o maior conforto possível a eles, inclusive no que tange à socialização dos mesmos com os demais alunos. (Coordenadora da Escola “A”).

Escola “B”

Escola inclusiva é aquela que recebe, trabalha com todos os alunos sem qualquer tipo de distinção. Não basta os alunos estarem em uma sala de aula, eles têm que se integrar com todos. Minha escola é inclusiva, porque os alunos inclusos são tratados como os outros, dentro de seus limites. (Diretora da Escola “B”).

Sim, nossa escola é inclusiva, pois oferece oportunidades a todos os alunos. (Vice-diretora da Escola “B”).

A seguir, o Quadro 1 traz o resumo das falas da equipe gestora referente à concepção de Escola Inclusiva.

Quadro 1 - Concepção de Escola Inclusiva

Concepção de Escola Inclusiva	Escola "A"	Escola "B"
Escola que recebe com igualdade, sem distinção	Sim	Sim
Consideram sua Escola Inclusiva relacionada mais aos aspectos administrativos de estrutura física	Sim	Não
Consideram sua Escola Inclusiva	Sim	Sim

Fonte: A autora.

A diretora da Escola "A" considera sua escola inclusiva em alguns aspectos, tais como a parte física, pois se encontra totalmente adaptada para o acesso de pessoas com deficiência; contudo, destaca que ainda há aspectos que precisam melhorar para que escola realmente possa ser uma escola inclusiva.

A diretora da Escola "B", ao ser questionada sobre a escola inclusiva, relata que é aquela que recebe todos os alunos sem distinção, e enquadra sua escola como inclusiva.

Neste sentido, as diferenças entre as falas das diretoras são visíveis, pois a primeira refere-se aos aspectos físicos, enquanto a segunda diretora limita-se a tratar da questão do ingresso de todos os alunos na escola regular. Quando, na verdade, escola inclusiva é a união de ambos os aspectos, por isso, as diretoras devem preocupar-se com o que reside "no perigo das novas palavras que escondem aquilo que se repete criando uma ilusão de mudança" (Baptista, 2000, p. 172).

As diretoras devem estar atentas, precisam mobilizar toda a equipe de gestão escolar, propor críticas e reflexões, a fim de analisarem se realmente desenvolvem uma escola com perspectivas inclusivas, ou apenas discursam palavras a respeito de inclusão. Ao relatarem que sua escola é inclusiva, este fato pode ser apenas uma ilusão, caso as escolas não atuem, efetivamente, com práticas inclusivas, de respeito, valorização, visando ao desenvolvimento das pessoas com deficiência para que possam exercer sua cidadania.

Em relação às falas das vice-diretoras e coordenadoras, a vice-diretora e a coordenadora da Escola "A" consideram que a escola onde atuam é uma escola inclusiva pelo fato de receber alunos com necessidades e pelo tratamento diferenciado prestado a esses alunos, respeitando suas potencialidades.

A vice-diretora da Escola "B" descreve que a escola inclusiva, para ela, é a escola que proporciona oportunidades iguais para todos os alunos, porém não se manifestou quanto à sua escola ser inclusiva ou não.

Nota-se, quanto às falas das vice-diretoras e das coordenadoras de ambas as escolas, uma postura diferente em relação aos comentários das diretoras, anteriormente apresentados. Tanto as vice-diretoras como as coordenadoras limitaram-se em conceituar que escolas inclusivas são aquelas que recebem todos os alunos com ou sem deficiência, respeitando e

valorizando suas individualidades, não abordando aspectos de infraestrutura como barreiras arquitetônicas, adaptações da estrutura física da escola.

Neste sentido, refere-se que escolas inclusivas são aquelas que estão aptas ao processo de ensino/aprendizagem que permitam que todos os alunos do ambiente escolar possam ser atendidos em suas necessidades educacionais específicas, sendo estas temporárias ou permanentes.

As escolas inclusivas são escolas para todos os alunos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer um dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresentem dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento. (Carvalho, 2007, p. 29).

Assim, uma escola inclusiva não se resume apenas em adaptações arquitetônicas, ou em receber alunos com deficiência e respeitá-los. Consideram-se escolas inclusivas aquelas estruturadas para todos os alunos, ou seja, escolas que têm o objetivo de atender às diversas necessidades do aluno, visando a uma melhoria no processo de ensino/aprendizagem e, principalmente, na construção e formação de cidadãos.

Desenvolvimento das Ações Políticas, Administrativas e Pedagógicas

Quando questionamos quais eram as ações políticas, administrativas e pedagógicas desenvolvidas nas escolas e se essas ações eram suficientes, constatamos que boa parte das entrevistadas não discorreu claramente sobre o desenvolvimento destas ações, porém não consideraram suas ações suficientes.

Escola “A”

Sim, para o momento, pelo pequeno número atualmente de alunos com deficiência na escola. (Diretora da Escola “A”). Na verdade a ação política é difícil. O projeto político pedagógico é flexível, caso necessite de adaptações, quanto aos aspectos administrativos, a escola é toda adaptada. (Diretora da Escola “A”)

A escola tem poucas iniciativas em relação às ações políticas, pedagógicas e administrativas, mas conforme possível tentamos atender, minimizar e quando possível solucionar as necessidades dos alunos com ou sem deficiência. Mas o pouco que é possível fazer em relação às ações pedagógicas tentamos dar atenção individual, visando suprir o máximo das dificuldades e necessidades. (Vice-diretora da Escola “A”).

Não. Em minha opinião, os alunos com necessidades especiais deveriam contar com assistência psicológica e médica apoiando o seu desenvolvimento. (Vice-diretora da Escola "A").

A escola não tem muito a oferecer no que tange às ações políticas, pedagógicas e administrativas, mas na medida do possível, procuramos atender às necessidades. Especificamente nas ações pedagógicas, como já mencionamos anteriormente, procuramos dar atenções individualizadas, suprimindo no possível as necessidades e solicitando materiais específicos quando possível. A nossa preocupação maior é com o conforto e integração junto aos demais alunos, isto contribui para o sucesso do aluno no processo de ensino/aprendizagem. Este fato facilitará sua integração na sociedade futuramente. (Coordenadora da Escola "A").

Não. Acho que os alunos com necessidades especiais, além das mudanças do prédio, deveriam contar com assistência médica, psicológica, ajuda financeira e apoio para sua profissionalização. (Coordenadora da Escola "A").
Escola "B"

Com as salas de recursos podemos fazer a integração deles dentro das salas regulares e fora (no recreio, na Educação Física) e o mesmo ocorre com a classe especial. Eles são parte integrante da escola. Participam de tudo que os outros alunos participam, sem distinção alguma. Com isso, se sentem valorizados e mostram o seu potencial, desenvolvendo as atividades propostas de acordo com o seu limite. (Diretora da Escola "B").

Suficientes ainda não, mas é tudo muito novo e ainda temos poucos especialistas, mas estamos caminhando para atender a todos os alunos. (Diretora da Escola "B").

Com a transformação da classe especial em sala de recursos, os alunos foram incluídos no ensino regular e no outro período recebem atendimento individualizado na sala de recursos. A sala de recursos está disponível para os alunos oriundos da classe especial e que apresentam dificuldades. Os alunos freqüentam a sala de acordo com sua dificuldade, pode ser no mínimo de 5 horas semanais e no máximo 10 horas semanais. (Vice-diretora da Escola "B").

Estamos caminhando para melhor atender nossos alunos, procurando melhorar em alguns aspectos, quando necessário. (Vice-diretora da Escola "B").

A seguir, encontra-se o Quadro 2 que sintetiza os pontos-chave das falas das diretoras e vice-diretoras de ambas as escolas, referentes às ações políticas, administrativas e pedagógicas desenvolvidas pelas escolas.

Quadro 2 - Ações Políticas, Administrativas e Pedagógicas desenvolvidas

Ações Políticas, Pedagógicas e Administrativas	Escola "A"	Escola "B"
Adaptações de Estrutura Física	Total	Parcial
Projeto Político Pedagógico Flexível	Sim	Sim
Atividades Inclusivas desenvolvidas com o coletivo escolar e social	Parcial	Total
Possui sala de recursos/ classes especiais	Não	Sim

Fonte: A autora.

Durante a pesquisa, nos detivemos aos aspectos de estrutura física, por meio dos quais foi possível observarmos que a Escola "A", mesmo não possuindo salas especiais ou classe de recursos, está totalmente adaptada em relação aos aspectos de estrutura física, visando facilitar o acesso à escola por alunos com deficiência.

Em relação à Escola "B", esta tem salas de recursos e classes especiais, contudo, sua estrutura física possui apenas uma rampa na entrada da escola, sendo assim, em seu interior não dispõe de alterações de grande porte que facilitariam o acesso desses alunos incluídos.

A diretora da Escola "A" relata que essas ações são difíceis, principalmente a política, mas ressalta que, na parte pedagógica, o Projeto Político Pedagógico da escola é flexível e, quando necessário, atende às necessidades dos alunos; e na área administrativa cita as adaptações arquitetônicas.

Escola será um espaço inclusivo se, nela, suas dimensões físicas: nas salas de aula, nas dependências administrativas, nas áreas externas e em outros aspectos que envolvem sua arquitetura e engenharia, permitirem acessibilidade física com a maior autonomia possível, em especial para alunos com deficiência. Também faz parte do espaço escolar uma outra dimensão (quicá a mais significativa) e que inclui as atitudes daqueles que transitam, cotidianamente, no interior da escola. Este é o espaço atitudinal de enorme influência na percepção social do outro, e para a organização do projeto curricular. (Carvalho, 2008, p. 98).

Segundo Carvalho (2008), a dimensão política é primordial na construção de uma escola inclusiva, que deve ser concretizada no Projeto Político Pedagógico, valorizando a participação consciente da comunidade escolar, visando a uma escola de qualidade que atenda às necessidades dos alunos e possa formar cidadãos.



A diretora da Escola “B”, ao responder a respeito das ações pedagógica, política e administrativa, aponta que em todas as atividades da escola os alunos com deficiência estão presentes. Ao ser questionada se considera essas ações suficientes, a diretora indica claramente que não, mas que estão caminhando para proporcionar melhor atendimento aos alunos da escola, visando a uma escola inclusiva.

Na primeira Escola, a diretora admite ter dificuldades para desenvolver as ações, principalmente as políticas, dando ênfase às ações administrativas, apontando, ainda, que no momento são suficientes. Enquanto a diretora da outra escola relata apenas as ações referentes às participações dos alunos com deficiência, porém não as considera suficientes para o momento.

Novamente, ambas as diretoras descrevem situações diferentes ao abordarem as ações desenvolvidas. A diretora da Escola “A” alega dificuldades, enquanto a diretora da segunda Escola não aponta nenhuma dificuldade para desenvolver as ações, além disso, a diretora da Escola “A”, mesmo referindo-se apenas a aspectos administrativos, considera as ações suficientes, enquanto a diretora da outra escola não considera estes aspectos suficientes, mesmo sem relatar dificuldades.

Em relação às falas das vice-diretoras e das coordenadoras, notamos que a vice-diretora e a coordenadora da Escola “A” consideram a escola onde atuam uma escola inclusiva, por receberem alunos com necessidades especiais e pelo tratamento diferenciado prestado a esses alunos, respeitando suas potencialidades. Quanto ao fato de considerarem essas ações suficientes, ambas relatam que não, pois além das alterações na estrutura física, todos os alunos deveriam ter apoios psicológico e médico na própria escola.

Nesta mesma perspectiva, a vice-diretora da Escola “B” acredita que a escola inclusiva seja aquela que proporcione oportunidades iguais para todos os alunos, porém, não se manifestou quanto à sua escola ser inclusiva ou não. Em relação às ações desenvolvidas na escola serem ou não suficientes, também não mostrou um posicionamento claro, apenas apontou que estão trabalhando para atender às necessidades de todos os alunos.

A escola somente será um espaço realmente inclusivo quando gestores trabalharem em conjunto as ações administrativas, pedagógicas e políticas, utilizando em seu cotidiano práticas inclusivas de respeito, valorização e solidariedade, visando atender às necessidades de todos os alunos.

Viabilização da Escola Inclusiva

Quando questionamos se eram desenvolvidos pela escola trabalhos que viabilizassem a inclusão, verificamos que a existência é mínima e fragmentada, ou seja, desenvolvem projetos, porém não de forma clara e específica sobre o assunto abordado.

Escola “A”

Sim, mas apenas trabalhos pontuais que alguns professores realizam em sala de aula, não no geral da escola para todos os alunos. (Diretora da Escola “A”).

Não tem profissional especializado na escola. (Vice-diretora da Escola “A”).

Não, porque não há profissional especializado para desenvolver esse trabalho. (Coordenadora da Escola “A”).

Escola “B”

A escola desenvolve um projeto, com a intenção de conscientizar os alunos a respeito das diferenças. (Diretora da Escola “B”).

Desenvolve projetos que visam conscientizar todos os alunos a respeito da inclusão. (Vice-diretora da Escola “B”).

A seguir, o Quadro 3 apresenta uma síntese dos comentários das gestoras em relação a quais atividades são desenvolvidas pelas escolas para viabilizar a inclusão.

Quadro 3 - Viabilização da Escola Inclusiva

Viabilização da Escola Inclusiva	Escola “A”	Escola “B”
Atividades Escolares inclusivas com alunos com e sem deficiência e com familiares	Não	Sim
Atividades Escolares inclusivas com todos os alunos	Não	Sim
Profissionais especializados ou não, dispostos a trabalhar com o assunto de inclusão	Não	Sim

Fonte: A autora.

A diretora da Escola “A” destaca que alguns professores realizam trabalhos pontuais em sala de aula e não para todos os alunos e funcionários da escola. E em relação à sua concepção a respeito da escola inclusiva, comenta que ainda há muito para ser feito, principalmente na parte pedagógica, com o objetivo de que o aluno seja realmente incluído, pois “[...] da forma como está hoje, o aluno ele não fica incluso, acaba sendo excluído pelo próprio sistema de ensino” (Diretora).

De acordo com Sassaki (1999), no processo de inclusão, a sociedade e as comunidades escolares devem adaptar-se às necessidades das pessoas com deficiência, para que estas possam evoluir e se desenvolver em diversos aspectos de sua vida. Desta forma, todos os integrantes da

comunidade escolar são responsáveis pela viabilização e construção de uma escola para todos, não ficando apenas sob a responsabilidade da pessoa com deficiência. Para viabilizar uma escola realmente, inclusiva são necessárias, também, práticas inclusivas, ações, atitudes cotidianas que valorizem o ser humano; para que a inclusão não fique apenas em intenções ou discursos de uma realidade que em muitos casos acontece parcialmente.

A diretora da Escola “B” comenta que a escola desenvolve um projeto para conscientizar alunos a respeito das diferenças e em relação a como encaram a questão da escola inclusiva. Sob esta perspectiva a diretora ressalta que *“estamos caminhando a passos lentos, mas espero que futuramente todos os professores especialistas ou não possam trabalhar e aceitar bem a inclusão na escola”* (Diretora).

Desta forma, ambas as diretoras relataram desenvolver atividades que viabilizam a inclusão, porém, a Escola “A” desenvolve trabalhos em sala de aula apenas quando os professores decidem abordar este assunto, desse modo, não trabalham os aspectos da inclusão da escola como um todo. Quanto à Escola “B”, a diretora afirma que a escola desenvolve um projeto, porém não o explicou, apenas disse que viabilizam a inclusão.

Em relação à vice-diretora e à coordenadora da Escola “A”, ambas alegaram a ausência de trabalhos para viabilizar a Escola Inclusiva porque a escola não possui professores especializados. Tal justificativa, aparentemente, denota falta de compromisso com a construção de uma escola inclusiva, uma vez que restringe a abrangência das ações de inclusão, as quais não deveriam partir apenas de professores especializados, mas sim envolver toda a comunidade escolar.

Na Escola “B”, a vice-diretora relatou que, durante o ano letivo, a escola desenvolve projetos que contam com a participação de todos os alunos, sobre o tema inclusão, com o intuito de viabilizar a escola inclusiva.

Sendo assim, faz-se necessária a adoção de medidas que viabilizem a inclusão desses alunos na sala de aula regular. Requer-se, também, por parte das diretoras, um olhar crítico, para que possam refletir a respeito das situações vivenciadas pelos professores da escola, diante de suas dificuldades, medos, incertezas, inseguranças. E, posteriormente, com base em suas observações, as diretoras devem contribuir com o professor no sentido de minimizar ou superar suas dificuldades, possibilitando que os aspectos relacionados à inclusão possam ser trabalhados de forma abrangente para toda a escola.

Dificuldades vivenciadas pelo Gestor com a Escola Inclusiva

Quando questionamos quais eram as dificuldades encontradas pelas gestoras no cotidiano da escola inclusiva, ambas relataram que existem



diversas dificuldades, dentre as quais citaram, em comum, as resistências dos alunos sem deficiência em aceitar os alunos com deficiência.

Escola “A”

São diversas como: resistência do professor em trabalhar com alunos com deficiência, pois alega o grande número de alunos em sala de aula e o despreparo do mesmo para trabalhar com alunos com deficiência. A resistência dos alunos sem deficiência em aceitar o aluno com deficiência na sala de aula, o que ocasiona a evasão escolar do aluno com deficiência. Falta de material adequado para trabalhar com o aluno com deficiência e, quando temos, o professor está despreparado para utilizá-los. O grande número de alunos em sala de aula, onde o professor tem dificuldades de atender às necessidades de alunos com deficiência. (Diretora da Escola “A”)

Acredito que mesmo com todas as diferenças, não dificultam o cotidiano escolar. (Vice-diretora da Escola “A”).

Os tipos de deficiência dos nossos alunos não comprometem, ou não impedem a aprendizagem dos mesmos. (Coordenadora da Escola “A”)

Escola “B”

A maior dificuldade é a conscientização dos alunos considerados “normais” e dos próprios pais, que às vezes questionam sobre as crianças com necessidades especiais frequentarem a mesma classe dos seus filhos, mas isso já está sendo superado. (Diretora da Escola “B”).

Gradativamente estamos compartilhando conhecimentos experiência com o diferente. (Vice-diretora da Escola “B”).

O Quadro 4, adiante, permite, de forma resumida, a visualização das dificuldades enfrentadas pelas escolas, segundo a equipe gestora.

Quadro 4 - Dificuldades com a Escola Inclusiva

Dificuldades com a Escola Inclusiva	Escola "A"	Escola "B"
Aceitação dos alunos com deficiência, pelos alunos sem deficiência	Sim	Sim
Aceitação dos alunos com deficiência, pelos pais alunos sem deficiência	Não	Sim
Resistência de professores em trabalhar com alunos deficientes, pois não se julgam capazes	Sim	Não
Grande número de alunos em sala de aula	Sim	Não

Fonte: A autora.

Tomando-se por base os dados observados, foi possível percebermos que a Escola "A" apresenta algumas dificuldades para atuar com alunos com deficiência em decorrência da realidade da Escola, uma vez que por não possui sala de recursos nem classes especiais, nem professor especializado para atuar com a demanda de alunos com deficiência. Além disso, a Escola não dispõe de material especializado e possui salas regulares com média de 40 alunos, o que exige uma atuação muito mais dinâmica do professor para atender às necessidades educacionais dos alunos.

Diferente daquela realidade, a Escola "B", apesar de possuir salas de recursos e classes especiais com uma média de 6 a 12 alunos por sala, com professores especializados, apresenta outra dificuldade, centrada na recusa dos pais dos alunos não deficientes em aceitar que seus filhos estudem com alunos com deficiência.

Sobre tais aspectos, Carvalho (2007, p. 74) revela a aflição e o sentimento de "impotência" manifestado por professores diante das classes que contêm alunos com necessidades especiais:

[...] ao entrevistar os professores que em vez da má vontade há o temor de não poderem ser úteis aos alunos. Certa vez, uma dessas colegas me disse que não gostaria que um filho seu, com diferenças significativas, tivesse como professora alguém como ela, inexperiente e, segundo seu autoconceito, incapaz.

As dificuldades mais frequentes vivenciadas pelas diretoras, segundo a diretora da Escola "A", dizem respeito à resistência do professor em lecionar para alunos com deficiência, pelo fato de se sentir despreparado e de possuir um grande número de alunos em sala de aula. Além disso, a diretora observa, também, que há resistência dos alunos não deficientes em relação aos alunos com deficiência.

Em relação à Escola "B", a diretora aponta um aspecto semelhante ao da outra escola, trata-se da resistência dos alunos sem deficiência em aceitar os alunos com deficiência, surgindo ainda um agravante em comparação à Escola "A" que é a dificuldade de aceitação dos pais dos alunos sem deficiência em aceitar os alunos com deficiência.



Em decorrência das dificuldades enfrentadas por ambas as escolas, já apontadas e discutidas neste trabalho, sugere-se que estas escolas trabalhem mais efetivamente as questões relacionadas à inclusão social e escolar, para poderem realmente viabilizar a inclusão, por meio de trabalhos escolares envolvendo alunos e toda a comunidade escolar, que tragam para esta realidade da escola, os familiares e a sociedade como um todo, visando à desmistificação em relação à convivência em uma mesma escola de alunos com ou sem deficiência, buscando esclarecer que esta realidade é possível. Mas somente poderá ocorrer esta quebra de paradigmas arcaicos se os gestores escolares abordarem efetivamente essas dimensões, não apenas demagogicamente, mas mediante ações cotidianas, nas práticas escolares. Os gestores escolares, segundo Carvalho (2008), devem estimular práticas comunicativas inclusivas no cotidiano escolar, as quais permitam compartilhar o novo, as diferenças, possibilitando a construção de uma escola realmente inclusiva, na qual todos sejam respeitados e valorizados, considerando que o normal é ser diferente.

A presente pesquisa permitiu-nos, não apenas detectar problemas e dificuldades, mas também visualizar caminhos e sugestões para a construção de uma escola inclusiva, que visa formar cidadãos. Com base em nossas observações, consideramos que a efetivação do processo de inclusão requer uma escola que valorize; que respeite as qualidades e potencialidades do ser humano; que seja crítica e desenvolva ações diárias, com práticas inclusivas de respeito e solidariedade; que valorize os resultados dos alunos sejam eles quais forem; que não faça distinção entre alunos e seus resultados; que busque a gestão participativa, com formas dinâmicas de atuação em sala de aula e diversas formas de avaliação, visando atender às necessidades dos alunos com ou sem deficiência, contra rótulos e estigmas, a favor de uma sociedade cada vez mais justa.

Considera-se, portanto, que o processo de Escola Inclusiva é um processo que caminha a passos lentos, porém, faz-se necessário para assistir a realidade que se apresenta com inúmeras diversidades, principalmente no cotidiano escolar. Deste modo, considera-se que ambas escolas buscam efetivar realmente a Escola inclusiva, porém, ambas tem um longo caminho a percorrer, buscando romper com paradigmas arcaicos e visando atender a necessidades de todos alunos com ou sem deficiência, para que estes possam realmente sentir-se incluídos, como membros ativos e participativos da comunidade escolar.



Referências bibliográficas

- BAPTISTA, M. V. **Planejamento social: intencionalidade e instrumentação**. 2. ed. São Paulo: Veras, 2000.
- CARVALHO, R. E. **Escola e reorganização do trabalho pedagógico**. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- _____. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.
- SASSAKI, R. K. Inclusão: o paradigma do século 21. **Inclusão: Revista da Educação Especial**, Brasília, MEC/Secretaria de Educação Especial, ano 1, n. 1, p. 19-23, out. 2005.
- _____. **Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos**. São Paulo: RNR, 2003.

Enviado em: 21/09/2009

Aceito em: 21/11/2009